

Investigando a inserção dos estudos radiofônicos e de mídia sonora na pós-graduação em Comunicação no Brasil¹

Marcelo KISCHINHEVSKY²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Debora Cristina LOPEZ³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Izani MUSTAFÁ⁴

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

Marcelo FREIRE⁵

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Patrícia CONSCIENTE⁶

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Maíta Carvalho de ALMEIDA⁷

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Leonardo Lopes do COUTO⁸

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Vitória de Azevedo Dias da CUNHA⁹

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O trabalho, de caráter exploratório, busca investigar a inserção dos estudos de rádio e mídia sonora na pós-graduação *stricto sensu* na área de Comunicação no Brasil. O levantamento consistiu em busca nos currículos na plataforma Lattes de todos os

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, no XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Cultura pela da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), dirige o Núcleo de Rádio e TV e é professor de Jornalismo e Radialismo na mesma instituição e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: marcelok@forum.ufrj.br.

³ Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é professora de Jornalismo e dos PPGCOMs da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e o Laboratório de Inovação em Jornalismo (Labin), ambos na UFOP. E-mail: debora.lopez@ufop.edu.br.

⁴ Doutora em Comunicação Social pela PUCRS, é professora de Jornalismo e do PPGCOM da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. Coordena o Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão (RPM), listado no CNPq, e o GT História da Mídia Sonora da Associação Brasileira de História da Mídia (Alcar). E-mail: izani.mustafa@gmail.com.

⁵ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA, é professor de Jornalismo e do PPGCOM da UFOP. Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor). E-mail: marcelofreire@gmail.com.

⁶ Mestranda em Comunicação no PPGCOM/UFOP, graduada em Jornalismo pela mesma instituição. E-mail: patriciaconsciente@gmail.com.

⁷ Graduada em Comunicação Social – Produção Editorial e graduanda em História, é bolsista de pesquisa do Núcleo de Rádio e TV da UFRJ. E-mail: maitac.almeida@gmail.com.

⁸ Graduando em Jornalismo e bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) na UFRJ. E-mail: leonardocouto7946@gmail.com.

⁹ Graduanda em Jornalismo e bolsista de pesquisa do Núcleo de Rádio e TV da UFRJ. E-mail: vtoriazdc@gmail.com.

professores dos 56 Programas de Pós-Graduação em atividade no país em 2020, identificando docentes com pesquisas e orientações de mestrado e doutorado a partir das seguintes palavras-chave: rádio, som, sonora, podcast, áudio e música. O resultado aponta para grande demanda por orientação de teses e dissertações sobre rádio e mídia sonora, mas com um número ainda relativamente pequeno de professores com pesquisas no campo credenciados nos PPGs, o que gera uma série de distorções.

Palavras-chave

Comunicação; Rádio; Estudos Radiofônicos; Mídia Sonora; Metapesquisa.

Introdução

Prestes a completar 30 anos de atividades, o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), se tornou um polo articulador das pesquisas do campo (ver, entre outros, ZUCULOTO, 2016, PRATA, 2016, HAUSSEN, 2016, KISCHINHEVSKY et al., 2017). Mas há sinais de que a inserção dos estudos radiofônicos e de mídia sonora como um todo permanece limitada nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOMs) brasileiros, com baixa prevalência de pesquisas sobre comunicação sonora e concentração de orientações em torno de um número relativamente pequeno de docentes.

Este artigo, de caráter exploratório, visa investigar como os estudos de rádio e mídia sonora se inserem na pós-graduação *stricto sensu* na área de Comunicação no Brasil. Configura-se como uma metapesquisa, no sentido atribuído por Raúl Fuentes Navarro (2007), para quem as pesquisas sobre o que se pesquisa têm se tornado um caminho para se investigar os processos de institucionalização, profissionalização e legitimação da área acadêmica em Comunicação. Maria Ângela Mattos, Ellen Joyce Marques Barros e Max Emiliano Oliveira vão na mesma direção: para os pesquisadores, o investimento “na metapesquisa no campo comunicacional”, à medida que se procura conhecer e refletir criticamente sobre aportes, conceitos, métodos do fazer científico, “possibilita rever e avançar nos critérios de validade e heurísticos do capital teórico, bem como reconhecer as relações institucionais que marcam sua produção” (MATTOS, BARROS e OLIVEIRA, 2018, p. 325).

Nesse contexto, o que se busca ao propor uma metapesquisa sobre os estudos de rádio e mídia sonora no Brasil? Nossa intenção é aferir sua capilaridade e sua consolidação, advogada por diversos pesquisadores. Será que de fato sua inserção nos cursos de mestrado e doutorado é compatível com a demanda da área?

Estas e outras questões orientaram o levantamento realizado pelos autores, que consistiu em buscas realizadas em setembro de 2020 nos currículos disponíveis na plataforma Lattes de todos os professores dos 56 PPGCOMs em atividade no país no período. O levantamento envolveu a identificação de docentes com pesquisas e orientações de mestrado e doutorado¹⁰. Para formar um corpus do qual pudéssemos dar conta em tempo hábil, só foram considerados os textos de abertura dos currículos e as seções de orientações de mestrado e doutorado, concluídas e em andamento.

Aplicamos nestas seções uma busca de palavras-chave que pudessem dar conta das pesquisas do campo. Após discussões iniciais, optamos pelos seguintes termos: “rádio”, “som”, “sonora”, “podcast”, “áudio” e “música”. Foram consideradas as ocorrências com e sem acento, permitindo englobar palavras derivadas como “radiofônico”, “podcasting”, “audiovisual” e “musical”. Optamos por não incluir na busca as informações complementares do Lattes, por entendermos que grande parte acaba sendo omitida ou preenchida incorretamente pelos docentes – notamos, por exemplo, grande número de teses e dissertações que figuram simultaneamente nos campos “Orientações concluídas” e “Orientações em andamento”, bem como professores que põem sempre as mesmas palavras-chave em todos os trabalhos, a partir de seus interesses de pesquisa e não da real natureza da orientação.

Reconhecemos que a amostra reunida é representativa, mas incompleta, pois muitos trabalhos sobre rádio e mídia sonora em nível de pós-graduação não mencionam as palavras-chave elencadas em seus títulos, mas sim nomes de emissoras estudadas, por exemplo. Não raro lançam mão, ainda, de títulos-fantasia que não expressam o teor da tese ou dissertação – um erro muito comum na área de Comunicação, que acaba prejudicando as métricas e dificultando metapesquisas como a empreendida neste artigo.

A constituição da área de Comunicação no Brasil

A brutal herança colonial portuguesa no Brasil levou a um desenvolvimento tardio, tanto dos meios de comunicação – a imprensa só foi permitida após 1808 – quanto do ensino superior. As primeiras instituições de ensino superior do país foram fundadas no mesmo ano: as “escolas de Cirurgia e Anatomia em Salvador (hoje Faculdade de

¹⁰ O levantamento foi realizado entre julho e setembro de 2020, através das páginas dos programas e da Plataforma Lattes. Neste primeiro estudo não foram consideradas as supervisões de estágios pós-doutorais, embora os autores reconheçam seu impacto na formação de pesquisadores.

Medicina da Universidade Federal da Bahia), a de Anatomia e Cirurgia, no Rio de Janeiro (atual Faculdade de Medicina da UFRJ) e a Academia da Guarda Marinha, também no Rio” (MARTINS, 2002, p. 4). Segundo o autor, ao final do século XIX havia somente 24 estabelecimentos de ensino superior no país. Com a implementação da Lei Rivadávia Corrêa, em 5 de abril de 1911, o monopólio de criação de instituições de ensino superior saiu das mãos da União. Com isso, na segunda década do século XX foram fundadas as pioneiras Universidade do Paraná¹¹ e Universidade do Rio de Janeiro¹².

Nos anos 1930, estima-se que o total de matrículas nas universidades brasileiras – marcadamente excludentes, elitistas e racistas – girava em torno de apenas 30 mil (IBGE, 2003, p. 103-106). Os primeiros cursos de Jornalismo são criados nos anos 1940 – na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo, em 1947, e na Faculdade Nacional de Filosofia, da então Universidade do Brasil (hoje UFRJ), em 1948 – na esteira de diretrizes curriculares formuladas em 1946 pelo Ministério da Educação em parceria com a Associação Brasileira de Imprensa (MEDITSCH, 2012, p. 135).

A ditadura militar (1964-1985) abortaria projetos de cursos inovadores, como a Escola de Comunicação de Massa liderada pelo jornalista Pompeu de Souza na então recém-criada Universidade de Brasília (UnB). Ganha estímulo, a partir de diretrizes de 1969, a constituição de cursos de Comunicação Social, inspirados pela ideia do comunicador polivalente patrocinada pela Unesco e pelo Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal).

Não existem estatísticas confiáveis sobre a oferta de ensino superior ao longo das décadas, devido às constantes mudanças na metodologia. Sabe-se, entretanto, que houve crescimento acelerado na virada dos anos 1960 para 1970, com salto de 278 mil matrículas em 1968 para 1,2 milhão, uma década depois, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2003). O período coincide com o chamado “milagre econômico”, processo de modernização autoritária liderado pela ditadura militar.

¹¹ Embora a pedra fundamental da universidade tenha sido lançada em 1892, a então Universidade do Paraná foi criada somente em dezembro de 1912, começando a funcionar como instituição privada em 1913. Com a obrigatoriedade de fechamento das universidades particulares decretada pelo governo federal em 1924, as faculdades foram desmembradas e novamente reunidas na década de 1940. A instituição foi federalizada e passou a chamar-se Universidade Federal do Paraná em 1950.

¹² A Universidade do Rio de Janeiro (depois, Universidade do Brasil e, finalmente, Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ) seria constituída em 1920, com a fusão de três faculdades (Escola Politécnica, Medicina e Direito).

A Comunicação Social incorporaria as formações profissionais já estabelecidas – além dos pioneiros cursos de Jornalismo (1947-1948), o primeiro curso de Publicidade e Propaganda seria criado em 1951, na chamada Escola de Propaganda do Museu de Arte de São Paulo¹³; em 1963, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), nasceria o primeiro curso superior de Cinema; e em 1967, na USP, surgiriam os cursos de Rádio e TV (ou Radialismo) e de Relações Públicas.

Para o pesquisador Eduardo Meditsch, os cursos de Comunicação acirrariam a dicotomia já existente entre teoria e prática. De fato, os cursos constituídos ao longo das décadas seguintes no Brasil teriam corpos docentes formados, de um lado, por mestres e doutores de outras áreas de conhecimento, como Filosofia, Psicologia, Linguística e Ciências Sociais, responsáveis pelos ciclos básicos, voltados para formação humanística, e, do outro lado, por profissionais egressos do mercado, geralmente sem titulação acadêmica além do bacharelado.

O crescimento da área de Comunicação no Brasil está relacionado à redemocratização, nos anos 1980, com a liberação de extraordinária demanda reprimida por informação, mas sobretudo a uma expansão generalizada do ensino superior.

Nos últimos anos do século XX, o total de matrículas nas instituições de ensino superior chegava à casa dos 2 milhões, número recorde, mas ainda muito modesto considerando a população de 170 milhões da época. Nos primeiros anos do século XXI, no entanto, estes números voltaram a acelerar, na esteira de uma política de fortalecimento das universidades. Essa política abrange uma série de programas, como o de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), o Universidade para Todos (ProUni), com oferta de bolsas integrais e parciais, o Financiamento Estudantil (Fies) para alunos de famílias de baixa renda e a adoção de ações afirmativas para inclusão de estudantes negros, descendentes de povos originários, pessoas com deficiência e egressos de escolas públicas, durante os governos Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016), do Partido dos Trabalhadores. Com estas iniciativas, o número de matriculados quadruplicou, chegando a 2016 à casa dos 8 milhões de estudantes, distribuídos por 34.366 cursos de 2.407 instituições de ensino superior.

¹³ A Escola de Propaganda do Museu de Arte de São Paulo (chamada de Escola de Propaganda de São Paulo a partir de 1955) não era reconhecida como instituição de ensino superior. A partir de 1973, regulamentada como tal, passa a se chamar Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Por isso, muitos autores apontam o pioneirismo da Universidade de São Paulo (USP), que criou seu curso de Publicidade e Propaganda no mesmo ano de 1951.

No início de 2018, o Ministério da Educação reconhecia 591 cursos da área de Comunicação em atividade no país (12 em fase de desativação), com autorização para abrir 86 mil vagas por ano¹⁴.

Não há dados sistematizados em nível nacional sobre a presença do rádio como objeto de planos de estudos nos cursos de graduação. O principal esforço neste sentido foi o mapeamento do ensino superior de rádio coordenado, em 2014, por Nair Prata e Nelia del Bianco (2016), que aplicaram questionário junto aos cursos de Comunicação em atividade no país e obtiveram 113 respostas. A maioria oferecia cursos de Jornalismo (93%) e Publicidade e Propaganda (67%), seguido de Relações Públicas (31%), Rádio e TV (22%), Cinema e Audiovisual (19%) e Comunicação Organizacional (0,9%).

Outro levantamento, sobre ensino-aprendizagem de rádio na América Latina, mostra que o número de disciplinas específicas varia enormemente: a maioria conta com uma ou duas disciplinas obrigatórias, mas há cursos de audiovisual em que não há conteúdos sobre rádio e outros, de Rádio e TV, em que há até oito disciplinas na grade (BADIA et al., 2019).

A criação de cursos de graduação na área de Comunicação alimentou a demanda por professores com formação específica de todos os campos de conhecimento, inclusive rádio e mídia sonora. Essa expansão do ensino superior foi acompanhada pelo avanço da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. A área se constitui na década de 1970, a partir da criação dos PPGCOMs da USP (1972), da UFRJ (1973), da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP, 1973), da UnB (1974) e da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp, 1978). Maria Ângela Mattos (2018, p. 19) assinala que a pós *stricto sensu* no país ficou limitada a esses programas durante duas décadas, até os anos 1990, quando se iniciou período de “efervescência na agenda da pesquisa em comunicação” marcado pela incorporação de novos objetos e enfoques e que “coincide com o crescimento exponencial dos programas de pós-graduação em Comunicação”.

O número de cursos de mestrado em Comunicação saltou de nove para 45 no período 1996-2014 –1,24% dos 3.620 mestrados oferecidos no Brasil em todas as áreas de conhecimento – enquanto os cursos de doutorado subiram de quatro para 23 – 1,18% de um total de 1.954¹⁵. Com isso, qualificaram-se gerações de professores e pesquisadores

¹⁴ Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Último acesso: 20/3/2018.

¹⁵ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4662-ciencias-sociais-aplicadas-i>. Último acesso: 24/3/2018. Em outubro de 2018, a Capes anunciou, como resultado da Análise de Propostas de Criação de Cursos (APCN), a abertura de três mestrados acadêmicos e sete de doutorado

dedicados ao rádio e à mídia sonora, muitos dos quais encontraram vagas em universidades públicas e privadas em expansão.

A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora

A crescente qualificação dos pesquisadores e professores de rádio e mídia sonora no Brasil caminhou de mãos dadas com o crescimento da temática da comunicação sonora como objeto de teses e dissertações. Levantamento de Nair Prata, Izani Mustafá e Sonia Caldas Pessoa revela que foram defendidas no Brasil 125 teses de doutorado e 486 dissertações de mestrado sobre rádio, entre 1987 e 2010, em todas as áreas de conhecimento. De uma única tese em 1987, chega-se ao máximo de 14 nos anos de 2004 e 2005, números que tiveram pequeno recuo nos anos seguintes, mas permanecem expressivos. O salto na produção de dissertações é ainda mais impressionante: de apenas uma em 1987 para o recorde de 46 em 2010 (PRATA, MUSTAFÁ e PESSOA, 2014). Em levantamento posterior, circunscrito à área de Comunicação, Doris Fagundes Haussen identificou 45 teses e 134 dissertações defendidas entre 2002 e 2012. Um dado chama a atenção para a importância de um pequeno grupo de pesquisadores com inserção na pós-graduação: os 179 trabalhos tiveram 109 orientadores, dos quais apenas 28 orientaram mais de um trabalho sobre rádio no período analisado (HAUSSEN, 2016).

Para Sonia Virgínia Moreira, a produção de conhecimento sobre rádio no Brasil pode ser dividida claramente em três fases: a primeira, nos anos 1940 e 1950, marcada pelo lançamento de manuais de produção, a segunda, entre as décadas de 1960 e 1980, dominada por livros-depoimento, muitas vezes de caráter memorialístico, e finalmente a terceira, a partir dos anos 1990, quando “o rádio é percebido pela academia”, que “o elege como objeto de pesquisa de campo e de estudos teórico-metodológicos em dissertações e teses. Assim o rádio entra no século XXI: com status de tema de estudo freqüente entre as áreas de investigação no campo da Comunicação” (MOREIRA, 2005, p. 124).

Um dos marcos dessa (re)descoberta do rádio foi a criação do Grupo de Trabalho Pesquisa em Rádio (hoje denominado Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora), da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em 1991. O grupo se reúne anualmente, desde então, durante os Congressos Brasileiros de Ciências

em Comunicação. Em 2019, foi criado mais um mestrado acadêmico na área. Cabe destacar que a área de Comunicação e Informação abrange ainda cursos de pós-graduação em Ciências da Informação, Museologia, Biblioteconomia e iniciativas interdisciplinares, ainda que a Comunicação seja dominante, respondendo por dois terços dos cursos.

da Comunicação, oferecendo espaço importante para intercâmbio e produção de conhecimentos sobre a radiofonia. Entre 1991 e 2019, foram apresentados nada menos que 896 artigos no GP. Levantamento dos trabalhos publicados nos anais do GP entre 2001 e 2015 mostra que, de um total de 570, um terço tratava da história do meio, de emissoras ou personagens, 22,2% discutiam rádio local, regional ou rural, 21,2%, o radiojornalismo, e 17,1%, o rádio e a convergência (KISCHINHEVSKY et al., 2017).

Ao longo dos anos, o GP da Intercom teve efeito multiplicador, com pesquisadores de rádio apresentando trabalhos regularmente também nos demais eventos importantes da área de Comunicação no Brasil, como o Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), o Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor, no qual, em 2018, foi iniciada a constituição da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo, a RadioJor, formalizada no ano seguinte) e o Encontro Nacional da Associação Brasileira dos Pesquisadores de História da Mídia (Alcar, evento bienal, em que existe um Grupo de Trabalho de História da Mídia Sonora). O GP apoia ainda a realização do Simpósio Nacional do Rádio, evento bienal que chegou em 2018 a sua terceira edição e que só não realizou a quarta edição em 2020 devido à pandemia do novo coronavírus¹⁶.

Trabalhando a partir de periodização dos estudos de Comunicação proposta pelo pesquisador José Marques de Melo, Valci Zuculoto complementa a proposta de Sonia Virgínia Moreira, estendendo-a aos dias atuais. Para a ex-coordenadora do GP, os anos 2000 foram de consolidação da pesquisa radiofônica em âmbito nacional, e os 2010, de uma crescente busca por internacionalização (ZUCULOTO, 2016).

Nesta última década, de fato, ampliou-se a interlocução com pesquisadores de outros países, com expressiva participação de brasileiros em eventos como a Radio Research Conference, promovida a cada dois anos pela European Communication Research and Education Association (Ecrea), e as Jornadas Universitarias La Radio del Nuevo Siglo, realizadas anualmente por uma rede de pesquisadores na Argentina. No período, o GP também recebeu convidados internacionais para conferências durante os congressos da Intercom, entre os quais os professores Mariano Cebrián Herreros, da Universidad Complutense de Madrid, Daniel Martín Pena, da Universidad de

¹⁶ A edição 2021 será realizada na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Extremadura, ambos da Espanha, Gabriel Kaplún, da Universidad de la República, no Uruguai, e Mario Giorgi, da Universidad Nacional de Avellaneda, na Argentina.

O GP é o mais ativo da Intercom, tendo produzido, ao longo de sua trajetória, 24 livros coletivos. Mantém uma página no Facebook com mais de 1,5 mil seguidores e uma lista de discussão com mais de 200 participantes. Segundo informações do Portal da Intercom, conta com 95 pesquisadores nucleados.

Os estudos radiofônicos brasileiros vêm ganhando reconhecimento internacional. Os pesquisadores espanhóis Manuel Fernández Sande, da Universidad Complutense de Madrid, e Ignacio Gallego Pérez, da Universidad Carlos III de Madrid, assinalaram em texto de apresentação do primeiro número da revista *Radio, Sound & Society Journal*, que “nos últimos anos, o Brasil está na dianteira em termos de produção científica sobre rádio” (2016, p. 12)¹⁷. Para a pesquisadora portuguesa Madalena Oliveira, ex-presidente da Radio Research Section da Ecrea, esta liderança é, em grande medida, tributária do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, que completou 25 anos de existência em 2016, construindo “um sólido repertório bibliográfico de referência obrigatória para inúmeros trabalhos de pós-graduação e muitos autores de língua portuguesa e espanhola” (OLIVEIRA, 2016, p. 15).

Apesar disso, Valci Zuculoto reconhece que ainda há um longo percurso até que os estudos radiofônicos estejam devidamente representados na academia brasileira. “Se o meio tem tamanha importância, necessidade e sentido de permanência, da mesma forma é fundamental a consolidação e o avanço do seu campo de estudos e o seu (re)conhecimento” (ZUCULOTO, 2016, p. 45).

Resultados preliminares do levantamento

Os dados sobre a inserção dos estudos de rádio e mídia sonora nos cursos de mestrado e doutorado em Comunicação do país foram coletados em 56 dos 57 PPGCOMs reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – um mestrado profissional encontra-se em fase de desativação e, por isso, não fornece informações sobre corpo docente em seu site. A distribuição dos PPGCOMs mostra que, apesar da expansão, a área permanece concentrada no Sudeste, onde estão instalados 27 dos 57 cursos. A interiorização, no entanto, vem avançando. A Região Sul,

¹⁷ No original: “In the last years, Brazil is at the forefront in terms of scientific production on radio”.

que vinha sempre em segundo lugar no número de programas, foi ultrapassada pela Região Nordeste: 12 a 10. Bem atrás, vem o Centro-Oeste, com cinco, e por fim o Norte, com três.

O total de professores nos 56 PPGs é de 880, entre permanentes e colaboradores, comparado a 813 ao fim da avaliação quadrienal da Capes de 2016, o que evidencia a expansão da área. Este crescimento, em grande medida, relaciona-se com novos cursos. Do total de docentes, 355 tinham menções em seus currículos na plataforma Lattes às seis palavras-chave elencadas, especificamente nos textos de abertura e nas seções de orientações concluídas e em andamento de mestrado e doutorado. Mas muitas ocorrências eram incidentais, não correspondendo ao desenvolvimento de pesquisas no campo – por exemplo, no caso de menções a linhas de pesquisa de cursos em que os professores obtiveram titulação e que trazem no nome as palavras “audiovisual” ou “som”.

A partir desta constatação, optamos por reduzir o corpus de análise aos professores que orientaram teses e/ou dissertações com a ocorrência das palavras-chave, o que reduziu o total de docentes a 242. Cruzando-se esta lista de orientações concluídas ou em andamento com a relação dos professores que desenvolvem pesquisas no campo, o universo do levantamento reduz-se drasticamente, para 52.

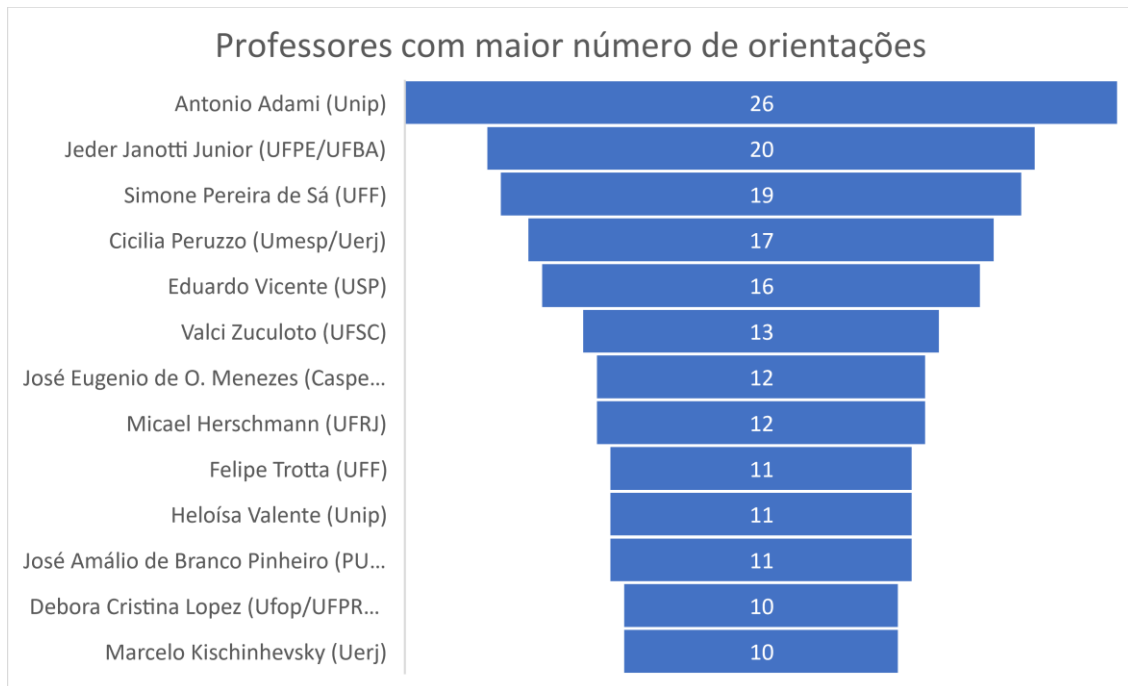
Este número está razoavelmente distribuído entre docentes que pesquisam e orientam trabalhos sobre rádio ou podcasting (27) e aqueles que desenvolvem reflexões prioritariamente sobre música, som e/ou audiovisual (25), orientando teses e dissertações sobre estas temáticas. É interessante observar, especificamente em relação às abordagens apresentadas nas orientações, um protagonismo do fenômeno do podcasting. Na produção sobre a área também observamos, como indicam Kischinhevsky et al (2017), um crescimento dos estudos sobre o rádio na convergência, mas nos últimos anos o podcasting assumiu a linha de frente nas produções e nas orientações.

Os docentes com maior quantidade de orientandos localizam-se prioritariamente em PPGCOMs mais antigos e vinculados ao eixo Sul-Sudeste. Entre os docentes com dez orientações ou mais, as exceções em relação à localização são UFPE e UFBA, pelo protagonismo de Jeder Janotti Júnior nos estudos de música. Já em relação ao tempo de existência dos programas, o PPGCOM mais recente citado é da UFOP, criado no final de 2014¹⁸. O tempo de vinculação dos docentes a programas de pós-graduação reflete-se nos

¹⁸ Importante lembrar que as orientações realizadas por Debora Cristina Lopez contemplam não somente o PPGCOM da UFOP, mas também da UFSM e da UFPR.

dados. O docente com maior número de orientações, Antônio Adami, é vinculado ao PPGCOM da UNIP, recomendado pela Capes em 1997, tendo 23 anos de existência. O tempo de existência reflete-se também no número de orientações por programa, com o PPGCOM da UFRJ, criado em 1973, liderando o ranking, seguido da UNIP e Unisinos.

Gráfico 1¹⁹



Obs.: Orientações concluídas ou em andamento
Fonte: Autoria própria.

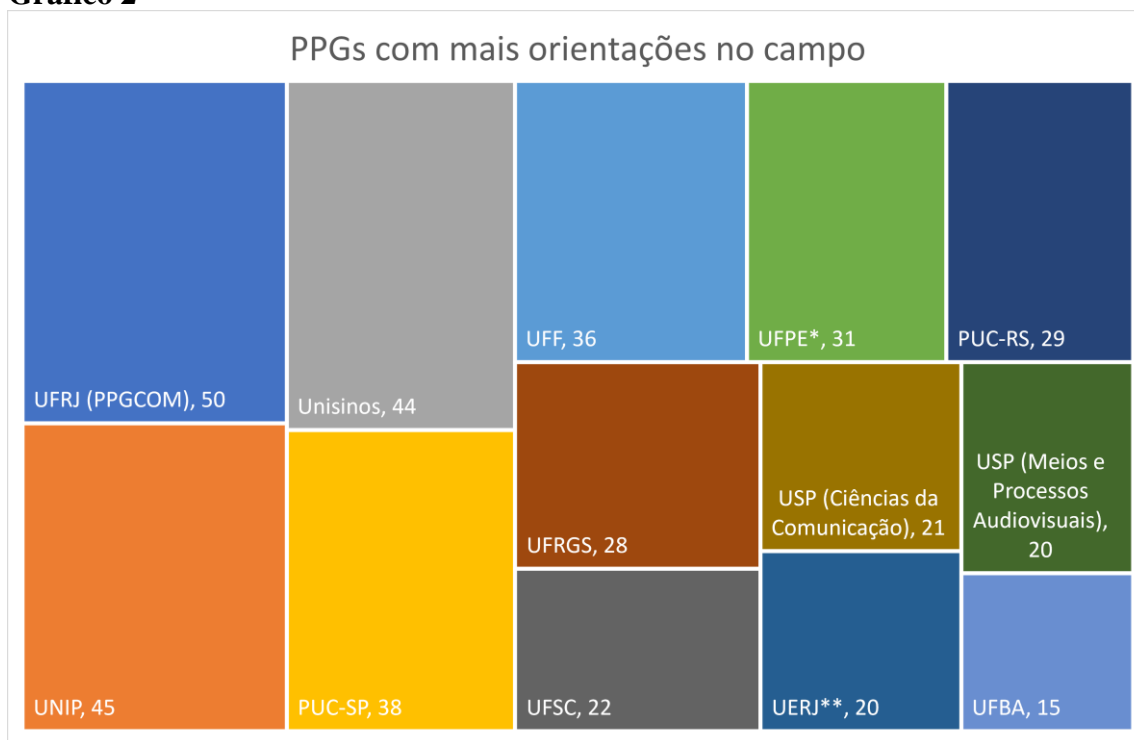
Cabe destacar que uma das pioneiras na orientação de rádio no Brasil, a professora Doris Fagundes Haussen, ex-PUCRS, se ainda estivesse vinculada a um PPGCOM, estaria nas primeiras colocações do ranking, com 20 orientações de mestrado e doutorado entre 1997 e 2016.

Alguns pesquisadores no ranking, contudo, não podem ser descritos como dedicados ao rádio e à mídia sonora. É o caso por exemplo da professora Cicilia Peruzzo, reconhecida pesquisadora de comunicação comunitária e cidadã, que contabiliza 26 teses e 47 dissertações com orientações concluídas ou em andamento – a maioria na Umesp,

¹⁹ O gráfico apresenta os docentes com 10 ou mais orientações em andamento ou concluídas. Destacamos também os seguintes docentes, que têm entre sete e nove orientações: Suzana Kilpp (Unisinos) – 9; Alexandre Rocha da Silva (UFRGS) – 8; Luciano Victor Barros Maluly (USP) – 8; Lucia Santaella (PUC-SP) – 8; Magda Cunha (PUCRS) – 8; Norval Baitello Jr. (PUC-SP) – 8; Raquel Paiva (UFRJ) – 8; Daniela Cristina Ota (UFMS) – 7; Eduardo Meditsch (UFSC) – 7; Rodrigo Carreiro (UFPE) – 7.

entre 1999 e 2017, e quatro na UERJ, onde está atualmente como visitante –, das quais apenas 17 dizem respeito à radiodifusão comunitária, só uma delas defendida nos últimos sete anos. É o mesmo caso de Raquel Paiva, da UFRJ, também referência em comunicação comunitária, com mais de 80 teses e dissertações orientadas, das quais apenas oito com a palavra-chave “rádio” no título. Situação similar ocorre com José Amálio de Branco Pinheiro, da PUC-SP, que pesquisa semiótica e orientou mais de 160 teses e dissertações, nas mais diversas áreas – audiovisual, fotografia, poesia, imprensa, música, rádio –, das quais apenas 11 com menções às palavras-chave no título. As orientações de estudos radiofônicos por docentes de fora da área se dão, primordialmente, por dois motivos: a) a demora para entrada dos pesquisadores da área como docentes nos PPGs; b) o desenvolvimento de pesquisas de interface, como é o caso das orientações citadas sobre comunicação comunitária.

Gráfico 2



*Foram desconsideradas sete orientações de Jelder Janotti Junior do tempo que o docente era vinculado ao PPG da UFBA.

**Os números da UERJ desconsideram as 17 orientações da professora Círcia Peruzzo que ocorreram quando esta ainda era docente da Umesp.

Obs.: Somatório das orientações concluídas ou em andamento do atual corpo docente de cada PPG.

Fonte: Autoria própria

A distribuição de orientações por PPGs explicita a concentração no eixo Rio-São Paulo, com algumas poucas exceções no Sul (Unisinos, PUCRS, UFRGS, UFSC) e no

Nordeste (UFPE e UFBA). Esta é uma realidade que vai além dos estudos radiofônicos, mas afeta a área da comunicação como um todo.

Considerações finais

O levantamento permitiu constatar as muitas assimetrias na pesquisa em comunicação sonora no Brasil, um país que apenas nas últimas duas décadas expandiu a oferta de ensino em nível de graduação e de pós-graduação, obtendo resultados expressivos.

Os dados apontam para grande demanda por orientação de teses e dissertações sobre rádio e mídia sonora, mas com um número ainda relativamente pequeno de professores com pesquisas no campo credenciados nos PPGs, o que gera uma série de distorções. Muitos orientadores de teses e dissertações não mantêm pesquisas no campo, com potencial prejuízo à qualidade dos trabalhos desenvolvidos e ao aprofundamento de reflexões que poderiam trazer contribuições significativas para os estudos radiofônicos e de comunicação sonora como um todo. Embora haja reconhecida importância na interdisciplinaridade e nas pesquisas de interface, a ausência de orientadores do campo da comunicação sonora fragiliza tanto a compreensão do fenômeno em suas especificidades quanto o acionamento e o desenvolvimento de metodologias que pensem nas afetações geradas por essa caracterização do objeto sonoro.

Nota-se que as orientações mais antigas estão concentradas em torno dos cinco PPGCOMs que constituem a origem do campo, nos anos 1970. Mas, a partir dos anos 1990, uma segunda geração de orientadores com trajetória de pesquisa em rádio e mídia sonora propicia uma mudança neste eixo de formação. Além de USP, UFRJ, PUC-SP, Umesp e UnB, na virada para o século XXI, passam a desempenhar papel central na titulação de grande número de mestres e doutores os programas das seguintes instituições: UNIP, UFF e Casper Líbero, no Sudeste; UFPE e UFBA, no Nordeste; Unisinos, PUCRS, UFRGS e UFSC, no Sul. Em anos mais recentes, a lista é ampliada com a entrada em cena dos PPGCOMs de UERJ e UFOP, no Sudeste; UFC e UFRN, no Nordeste; e UFMS, no Centro-Oeste.

Apesar da concentração de orientações, observamos um avanço na descentralização da pós-graduação *stricto sensu*, com a aprovação pela Capes, no âmbito da Análise de Propostas de Cursos Novos (APCN), de novos cursos que têm docentes com atuação no campo do rádio e da mídia sonora. Foi o caso dos mestrados acadêmicos

em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz, aprovado em 2018, e da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, aprovado em 2019, que têm entre seus fundadores, respectivamente, Izani Mustafá e Luã Chagas – ambos pesquisadores nucleados ao GP Rádio e Mídia Sonora.

Note-se, também, a forte expansão no doutorado, com a aprovação de sete cursos da área de Comunicação na APCN de 2018: Universidades Federais do Ceará (UFC), Fluminense (UFF/Mídia e Cotidiano), de Goiás (UFG), de Juiz de Fora (UFJF), do Pará (UFPA/Comunicação, Cultura e Amazônia), do Paraná (UFPR) e Universidade de Sorocaba (Uniso/Comunicação e Cultura). Em quase todos, há docentes com atuação em rádio e mídia sonora, o que amplia os horizontes de qualificação acadêmica para pesquisadores do campo. Este era um dos pontos de distorção dos dados dessa pesquisa, já que há uma predominância da presença de pesquisadores da área nos cursos de mestrado e uma demanda por orientadores em cursos de doutorado.

Os dados serão ainda consolidados e revisados, possibilitando cruzamentos adicionais, de modo a contribuir para o estado da arte dos estudos de rádio e mídia sonora no país. Esta é apenas uma primeira aproximação em relação ao objeto, com o objetivo de mapear o campo em nível de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil e dinamizar pesquisas e intercâmbio de informações no momento em que o GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom se prepara para comemorar 30 anos de atividades em 2021.

Referências

BADIA, A. T.; BALLESTEROS LOPEZ, T.; BARRIOS RUBIO, A.; BOSETTI, O. E.; CHOQUE, R. D.; CORNEJO, A.; CUBERO, X.; ESPADA, A.; GALEANO, H.; KISCHINHEVSKY, M.; MARTÍNEZ MATIAS, G.; MONTENEGRO ARMIJO, C.; POZO, M. E.; TELLO, R. Enseñar y aprender la radio en América Latina y el Caribe: 12 países y 63 experiencias. In: BALLESTEROS LÓPEZ, Tito; BOSETTI, Oscar E.; MARTÍNEZ MATÍAS, Graciela (org.). **Enseñar y aprender la radio en América Latina y el Caribe** – Radiografías de este presente, p. 47-235. Quito, Equador: Ediciones Ciespal, 2019. Disponível em: <http://https://ciespal.org/ensenar-y-aprender-la-radio-en-america-latina-y-el-caribe-radiografias-de-este-presente/>.

FERNÁNDEZ-SANDE, Manuel; GALLEGO PÉREZ, Ignacio. Diversity, innovation and policies. **Radio, Sound & Society Journal**, n. 1, v. 1, p. 7-9, Ecrea Radio Research Section, 2016. FUENTES NAVARRO, Raúl. Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil e no México: uma aproximação da análise comparativa. **MATRIZES**, Universidade de São Paulo (USP), v. 1, p. 165-177, out. 2007.

HAUSSEN, Doris Fagundes. O Rádio em Teses e Dissertações dos PPGs em Comunicação brasileiros (2002-2012). In: ZUCULOTO, Valci, LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY,

Marcelo. **Estudos Radiofônicos no Brasil** – 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Coleção GPs (Grupos de Pesquisa), v. 22. São Paulo: Intercom, 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Estatísticas do século XX**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

KISCHINHEVSKY, Marcelo, BENZECRY, Lena, MUSTAFÁ, Izani, DE MARCHI, Leonardo, CHAGAS, Luã, FERREIRA, Gustavo, VICTOR, Renata, VIANA, Luana. A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC)**, Intercom, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 91-108, set./dez., 2017.

MARTINS, Antonio Carlos Pereira. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. **Acta Cir. Bras.**, São Paulo, v. 17, supl. 3, p. 04-06, 2002.

MATTOS, Maria Ângela, BARROS, Ellen Joyce Marques, OLIVEIRA, Max Emiliano (org.). **Metapesquisa em comunicação**: o interacional e seu capital teórico nos textos da Compós. Porto Alegre: Sulina, 2018.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir**: A função social da Universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Ed. Insular, 2012.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005.

OLIVEIRA, Madalena. Entre a paixão dos profissionais e a discrição dos acadêmicos. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Estudos Radiofônicos no Brasil**: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom em perspectiva. São Paulo: Intercom, 2016.

PRATA, Nair; BIANCO, Nélia del. Perfil do ensino do rádio no Brasil. In: ZUCULOTO, Valci, LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Estudos Radiofônicos no Brasil** – 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Coleção GPs (Grupos de Pesquisa), v. 22. São Paulo: Intercom, 2016.

PRATA, Nair. Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom — 25 anos. In: ZUCULOTO, Valci, LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Estudos Radiofônicos no Brasil** – 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Coleção GPs (Grupos de Pesquisa), v. 22. São Paulo: Intercom, 2016.

PRATA, Nair; MUSTAFÁ, Izani e PESSOA, Sonia Caldas. Teóricos e pesquisadores de rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v. 3, n.1, p. 65-82, jan.-jun., 2014.

ZUCULOTO, Valci. A história do campo acadêmico do rádio no Brasil: registros referenciais para uma proposta de roteiro de percurso. In: ZUCULOTO, Valci, LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Estudos Radiofônicos no Brasil** – 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Coleção GPs (Grupos de Pesquisa), v. 22. São Paulo: Intercom, 2016.